

Poesia e reflexões escritas com arame

Texto: Raquel Medeiros



O arame é poesia. Escrita feita em dobras, retas e pontas curvilíneas milimetricamente calculadas. Sob a regência de mãos e alicates a transformação do fio metálico esboça esculturas tridimensionais inesgotáveis nos contornos quando reverberam cargas simbólicas que se deixam notar por entre as frestas. Nas linhas que expressam limites para o desenho que o artista plástico argentino Roberto Romero projeta há um suposto vazio. Em realidade, um território abarrotado de mensagens e significados expostos ao olhar atento que atravessa a peça e lê as minúcias contidas no seu interior.

Narrativas de conteúdos subliminares em joias rústicas, crucifixos, luminárias, insetos maximizados e personagens que parecem atravessar portais de algum conto de fadas ou da mitologia.

O magnetismo exercido por cada obra de arte reside no essencial, nas linhas livres de excessos. Como um texto revisado, o artista que também é licenciado em letras corta redundâncias e apara conexões desnecessárias para comunicar de forma sintética a morfologia do objeto. *A Máquina de Escrever* - uma das suas criações mais destacadas - expressa sutileza e reflexões nos detalhes. As teclas anônimas no desenho abrigam provocações às mãos que deslizam inconscientes sobre os teclados da era digital. Estimula uma ponderação entre passado e presente, contrasta tecnologias e desata a imaginação do espectador debruçado sobre hipotéticos contos, crônicas e romances que preenchem o papel invisível preso ao rolo.

A peça está inspirada na obra do “Pequeno Príncipe”, clássico da literatura escrito por Saint-Exupéry. A máquina de escrever com função de luminária empresta luz à magia do conto universal. “A arte torna possível recontar histórias, resgatar recordações, tocar a emoção das pessoas e provocá-las. A rusticidade do arame adentra o universo fantasioso onde não é verdadeiramente o que parece ser”, pontua Romero.

A essência cosmopolita no design contemporâneo

A aura reflexiva que emana das esculturas reflete a própria história de vida do artista. De espírito inquieto e cosmopolita, ele compôs um repertório de imagens colhidas pelos países onde viveu, visitou, estudou e trabalhou, ao mesmo tempo que sorveu referências múltiplas das artes. Memórias sempre frescas para mesclar com o novo, com as pesquisas e inspirações que agora residem nos cenários brasileiros desde que estabeleceu morada no país em 2012, atualmente no Rio de Janeiro. Antes disso, seus passos no Líbano, França e Colômbia mapearam matérias-primas, a reutilização de objetos antigos e técnicas artesanais.

Protagonista das peças, o arame flexibiliza o uso de diferentes componentes. Conchas, pérolas, muranos e cristais somam-se à rusticidade do fio metálico galvanizado ou pré-cozido. O domínio e precisão das mãos do designer materializam os desenhos em escalas que extravasam o concreto. As luminárias barrocas flutuam na espacialidade do tempo; as cabeças da coleção “A Lei da Selva” expõem a animalização de personagens humanos; o “Cachorro Felipe” enaltece laços afetivos; a “Cabeça de Cavalos” expressa artimanhas colhidas no tabuleiro de xadrez e a “Porca” de tetas pronunciadas nutre a maternidade, enquanto espécies da fauna – entre insetos, aves e outros mamíferos – são partícipes de um mundo regido pelo inusitado.

A sublimação das cores e o desafio das farpas

Como todo artista, Romero também experimenta novas fases de produção sem perder a conexão com a identidade de sua obra. A carreira iniciada em 2001 traz a maturidade alcançada com o domínio apurado da técnica, um histórico de exposições em seu país e fora dele, a abertura das casas de decoração interessadas em comercializar seus objetos e novas perspectivas. No Brasil - há oito anos - confessa que as cores da paisagem, do artesanato e das manifestações populares pintam um momento diverso na sua criação. “O colorido me impressionou. Levei essa emoção para o ateliê e os tons vibrantes revitalizaram minha obra, tornando-a ainda mais impactante”, exalta o artista.

O sentimento de alegria ancora na aclamação de sua arte, na habilidade de dobrar o metal aos seus desejos criativos, na ousadia de romper conceitos. “Com a tela de cercas experimentei proporções, o desenho de peças de corpo inteiro. Agora, quero colocar na mesa de trabalho o arame farpado e extrair da sua forma rude leveza”, explica. Uma vez mais quer escrever com arte contrapontos às sentenças estabelecidas. Da matéria-prima que aprisiona e perfura – certamente - um verso de liberdade.

Roberto Romero: Argentino, licenciado em Letras pela Universidade de Paris X – Nanterre.- artista plástico autodidata, cursou História das Artes no Museu do Louvre em Paris. Elabora esculturas com arame desde 2001. Residente no Rio de Janeiro há quatro anos, com atelier na Fábrica Bhering, viveu antes no Líbano, França, Suíça e Colômbia. Mapeando as diferentes culturas, teve a oportunidade de compreender que seu processo artesanal se resignifica a partir de situações locais.

Mais Informações:

Roberto Romero

Ateliê Rio de Janeiro

Rua Orestes 28, quinto andar – Fábrica Bhering, Rio de Janeiro

E-mail: roberto854@hotmail.com / Instagram: @RobertoRomeroArte

Fone: + 55 21 99299-7447